

Universidade Estadual Paulista  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Departamento de Economia**  
**Grupo de Estudos de Economia Industrial**

Projeto de Iniciação Científica:

**Os investimentos diretos estrangeiros na indústria no Brasil no período recente:**  
uma análise a partir de um grupo de empresas internacionais\*

Estudante: Vanderléia Radaelli  
Orientador: Profº Dr. João Furtado

Outubro de 2000

---

\* Este projeto insere-se no âmbito do GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial e articula-se aos projetos de IC 99/04466-5, 99/06912-2, ora em fase de conclusão, e aos de números 99/09208-4, 00/00574-7 e 00/00575-3, que dão continuidade aos primeiros. O grupo conta com o Auxílio 98/15115-6.

## **1. Apresentação resumida**

O objetivo do presente projeto é identificar elementos que contribuam para caracterizar a importância dos Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) no processo de reestruturação da indústria nacional, no período recente. O trabalho enfatiza sobretudo o acompanhamento do processo de aquisições/fusões que têm caracterizado em grande medida esses investimentos, no período recente (desde 1994).

O ponto de partida será estudar a indústria nacional em dois momentos-chave da evolução recente da economia, ou seja, nos anos 1.989 e 1.997, que correspondem ao início da abertura comercial e à relativa adaptação das empresas frente à abertura e ao quadro da estabilização. Em ambos os anos o acervo do GEEIN dispõe de tabulações especiais dos fluxos comerciais brasileiros por empresa e por produto. Em seguida, o trabalho buscará coletar e analisar as informações referentes ao período que se inicia após a desvalorização de 1999.

O trabalho consistirá em analisar alguns elementos das estratégias das empresas multinacionais que atuam no Brasil. Ele procurará relacionar investimento direto estrangeiro e as fusões/aquisições das empresas, bem como o comércio exterior brasileiro. Os fluxos comerciais serão analisados em termos do seu componente intra-firma (para 1997<sup>1</sup>) e em termos de produtos (e seus agrupamentos) para os demais anos. A pesquisa poderá assim contribuir para caracterizar a forma de inserção das novas filiais na globalização das empresas.

## **2. Justificativa e Revisão bibliográfica**

### *Antecedentes*

A industrialização brasileira vem passando por diferentes situações desde os anos 30, em especial no pós-guerra. A diferenciação das forças produtivas e o dinamismo industrial proporcionaram, a partir dos anos 30, uma queda da participação da agricultura na economia brasileira, bem como uma significativa redução do coeficiente de

---

<sup>1</sup> Este procedimento foi desenvolvido, no âmbito do GEEIN, pelos projetos de IC de números 98/09775-3, 98/09736-8 e 98/09780-7. A metodologia utilizada consiste numa extensão da “Hipótese de Baumann” para ambos os fluxos comerciais. Ver Baumann, R., *Uma avaliação das exportações intrafirma do Brasil: 1.980 e 1.990*, in Pesquisa e Planejamento Econômico, volume 23 - dezembro/1.993 - número 3, IPEA

importações. A substituição de importações passaria a ser a principal fonte de demanda para o crescimento.

O papel desempenhado pelo estado para materializar a moderna indústria brasileira foi de vital importância. A ele coube a definição, a articulação e a sustentação dos investimentos que viriam a modificar as estruturas do pós-guerra. O ingresso da economia brasileira na era industrial foi tardio. Por isso, desde meados dos anos 50 nossa base industrial foi sendo formada pelas multinacionais e pelas empresas estatais, ajudando a superar as limitações das empresas privadas nacionais. O movimento acelerado da internacionalização que sucedeu à reconstrução europeia proporcionou a industrialização, que com a presença das empresas estrangeiras ocasionou um salto na direção dos ramos manufatureiro pesados e de consumo duráveis.

Tanto o Plano de Metas (1956-60 ) como o Milagre Econômico ( 1967-83 ) proporcionaram um notável crescimento industrial. No primeiro, a indústria brasileira passou por transformações estruturais num espaço muito curto de tempo, um processo que foi articulado pelo Estado. A ênfase era nas indústrias mais “pesadas” (em escala e intensidade de capital) e “densas” (em termos tecnológicos): automobilística, construção naval, material elétrico pesado e outras máquinas e equipamentos. No entanto, a desaceleração da economia e a inflação diminuíram o crescimento e iniciaram a geração de focos de inflação, principalmente devido às desproporções inter e intrasetoriais (sobretudo no caso do *Milagre Econômico*). O II PND ( Plano Nacional de Desenvolvimento ) de 1974, que pretendia modificar as estruturas da economia, não trouxe resultados imediatos de modo a conter a inflação. Seu êxito foi substituir em parte as importações de produtos intermediários, criando ao mesmo tempo novas capacidades exportadoras, colocando a economia em outro patamar

Para o governo de 1974 o II PND deveria superar o subdesenvolvimento e ingressar no desenvolvimento. Para isso era preciso consolidar uma economia moderna ajustada à realidade econômica mundial. Através de grandes projetos de exportação de matérias-primas. Os resultados não foram imediatos pois os investimentos, sobretudo de setores “pesados”, levam algum tempo para maturar. Foi justamente a substituição de importações e o aumento das exportações que proporcionariam ao Brasil a sustentação da conjuntura do país, impedindo discontinuidades e, a longo prazo, mudando a estrutura produtiva.

Parte dos investimentos estava concentrada em atividades com implementação mais demorada, como a hidrelétrica de Itaipu e a Construção da Ferrovia do Aço. Ademais, a parte restante era na direção de aumentar a produção interna do petróleo e de eletricidade, intensificar a produção de insumos básicos de capital ( química, siderurgia, metais e minerais ) e nos grandes projetos de exportação de matérias-primas ( alumínio, aço, celulose e ferro ).

Segundo Castro, os anos de 1983 e 1984 representaram para a economia brasileira uma reviravolta na situação de inflação e de presença de déficit nas transações correntes. No biênio, houve a reconstituição das reservas. A queda das importações foi proporcionada pelos produtos objetos de programas (produtos siderúrgicos, metais não-ferrosos, produtos químicos). Além disso, a expansão do mercado norte-americano, a recuperação africana e latino americana, colaboraram para o aumento significativo das exportações, que resultou num superávit de 13 bilhões de dólares.

Finalmente em 1983 e 1984 é que os efeitos da estratégia adotada em 1974 “de cobrir a área do subdesenvolvimento” começam a dar resultados. A substituição de importações no biênio ocorre predominantemente nos insumos básicos (primeiros estágios da produção em contrapartida à substituição de importações do pós-guerra que era nos estágios finais de produção) e não requerem gastos excessivos em importações e geram um saldo comercial positivo.

Em 1974, quando adotou a estratégia de crescimento com endividamento para solucionar o núcleo do problema, o Brasil ficou na obrigação de tomar vultuosos empréstimos como consequência. Porém, além das políticas recessivas, em menor medida, a substituição de importações e os grandes programas setoriais foram os responsáveis pelo aumento das exportações e do superávit da balança comercial brasileira do período.

### *A globalização e os ajustamentos pós-estabilização*

A partir da década de 80 os países periféricos reconheceram a necessidade de adaptar-se a uma nova situação do cenário internacional, com fortes impactos no ambiente doméstico. Essa adaptação vincula-se à globalização, etapa avançada da internacionalização capitalista na qual a desregulamentação comercial e financeira, de um lado, e as novas tecnologias, de outro lado, facilitam a expansão internacional das

empresas. Nesta expansão, as empresas recorrem cada vez mais a aquisições e fusões internacionais.

Nesta nova fase do capitalismo as empresas possuem maior liberdade de movimento e todos as dimensões da vida social são crescentemente submetidos à valorização do capital privado (Chesnais, 1996). Os grandes grupos industriais utilizaram-se nesse processo das novas tecnologias aplicadas à indústria. Esses grupos puderam reorganizar sua internacionalização bem como modificar suas relações com o trabalho, tirando proveito do desmantelamento das conquistas sociais e democráticas, um processo que ocorreu desde o início da década de 80.

Segundo Chesnais, o intercâmbio mundial realizado atualmente por países em desenvolvimento é devido em boa medida aos antigos investimentos diretos feitos a partir de 1880. Na maioria das vezes esses investimentos eram feitos pelo país colonizador ou nas suas zonas de influência. É possível observar que a partir da onda de nacionalizações do terceiro mundo nos anos 1965-75 originaram-se as novas formas de investimento. É o compartilhamento do poder e da propriedade das empresas entre as multinacionais e o país anfitrião. Neste caso as empresas estrangeiras têm a vantagem de constituir entre a matriz e a filial um mercado interno, que proporciona um meio de assegurar a vantagem monopolística em escala mundial.

A onda recente de integração econômica até a década de 90 ocorreu mais fortemente entre as nações desenvolvidas através de aquisições/fusões e de aumento de investimento direto estrangeiro, diminuindo com isso as chances dos demais países de participarem das inovações tecnológicas resultantes do processo. Somente a partir da década de 90 é que os países em desenvolvimento tiveram forte ingresso de capitais externos, causado pela queda nas taxas de juros nos Estados Unidos. Esses capitais buscavam taxas de retornos mais atraentes e de forma não intencional permitiram que se iniciasse o processo de estabilização da América Latina e outros países com restrição externa.

Os capitais externos oriundos dos países desenvolvidos permitiram a estabilização. O Brasil optou pela sustentação da estabilização através de juros muito altos e taxa nominal de câmbio fixa. Essa opção resultou em forte deterioração da balança comercial, um resultado que tem sido interpretado como retrocesso da indústria nacional (Coutinho, 1997; Gonçalves, 1999; Laplane, 1998). Houve desde então um aumento

estrutural e continuado das importações e simultaneamente um enfraquecimento do dinamismo das exportações. É possível observar que nas décadas de 1950 e 1960 os investimentos externos modificaram o perfil da indústria, estruturando-a e abrindo espaços para a participação de capitais locais e para o surgimento de novas empresas, enquanto nos anos 90 tem ocorrido uma crescente desnacionalização industrial, pois agora as empresas nacionais estão em condições desiguais de competição.

### *Posições diferenciadas*

Para os que possuem visão otimista, os avanços da desindexação da economia resultaram da abertura comercial iniciada em 1989 e do sucesso da estabilização aplicada com a implantação do Plano real em 1994. Segundo estes, além do controle da inflação, o Plano Real gerou uma nova onda de investimentos internacionais e a médio e longo prazo resultarão em reestruturação industrial promotora de exportações e competitividade. O elevado aumento das importações resulta em parte de uma década (1980-90) de estagnação e de fechamento da economia ou de atrasos acumulados ao longo de décadas de substituição de importações (Franco, 1996).

Segundo esta interpretação a proteção excessiva à indústria nacional promoveu escalas de produção ineficientes, com máquinas e equipamentos obsoletos gerando incapacitação no aumento de produtividade e baixa integração no comércio internacional. A abertura da economia brasileira alterou significativamente as decisões de investir na indústria. O investimento direto estrangeiro ( IDE ) criou incentivos para as empresas estrangeiras já instaladas no país. Com as empresas já adaptadas ao novo regime é possível que estas ampliem seus mercados principalmente nos setores demandantes de tecnologia. As empresas brasileiras ao invés de estarem superprotegidas pelo estado, agora são obrigadas a operar sob a concorrência dos importados, produzindo com preços próximos aos internacionais.

É bem verdade que num primeiro momento a abertura e a estabilização da economia elevaram o coeficiente de importações, fato causado pela possibilidade de se comprar no exterior a preços mais baratos. Porém, num segundo movimento, as importações passaram a ser de máquinas e equipamentos que irão ser incorporados às diferentes etapas produtivas. Não se pode esperar que os investimentos nos mais diversos setores dêem resultados instantâneos (Barros e Goldenstein, 1997), mas com algum

diferimento. A reestruturação da economia e a retomada do crescimento sustentado devem obedecer a um processo não-linear que é o tempo de maturação dos investimentos. A abertura possibilitou às empresas nacionais a sinalização de que a sobrevivência no atual estágio de globalização depende de forma crucial da redução de custos, da especialização, da modernização dos produtos e da busca de novos mercados no exterior. A função do estado agora em relação à indústria não é mais de superproteção, deverá ir apenas no sentido de corrigir as “as falhas” do mercado criando e ampliando políticas de investimento e continuidade (Moreira,1997).

Se por um lado existe a visão otimista em torno do Plano real, por outro há a visão crítica da implementação do programa de estabilização. Para os adeptos desta corrente, o Plano real criou uma forte desproteção e instalou um forte desincentivo à agregação do valor manufatureiro do país, devido à forte apreciação da taxa de câmbio. As importações aumentaram principalmente nos bens finais de consumo, de matérias-primas e produtos intermediários. Entre 1994 e 1995 as importações passaram de \$ 24,5 bilhões para \$ 49,7 bilhões, ou seja, um aumento próximo a 100% .

Estas evidências têm sido utilizadas para mostrar que o processo de abertura apresenta uma forte tendência à desindustrialização. Isso porque houve redução do valor agregado no país em todas as cadeias industriais complexas; a oferta doméstica de bens finais perdeu espaço pela ocupação de parte do mercado dos mercados, por importados. E há evidências de que os investimentos que estão ocorrendo não conseguem aumentar a capacidade de exportação de forma significativa, pois ainda se concentram na especialização em commodities de baixo valor agregado ( Coutinho,1977 ).

A indústria brasileira após o Plano real apresenta grandes diferenças setoriais. A abertura comercial e a facilidade de financiamento externo para importados incentivaram a adoção de estratégias de especialização e de complementariedade das grandes empresas. Essa especialização consiste em reduzir os índices de nacionalização dos bens finais, o que resulta em reduções e fechamentos de linhas de produção na cadeia produtiva e ocorrendo ainda a substituição de fornecedores locais por estrangeiros. As empresas estrangeiras são as que mais contribuem para o aumento das importações, pois são elas a principal fonte de captação de recursos externos; em contrapartida, as exportações não têm aumentado. Porém, o tipo de reestruturação que vem sendo adotado pelas grandes empresas em termos sistêmicos fragiliza os encadeamentos produtivos e auxilia na perda do poder multiplicador e indutor da indústria.

Se por um lado o Plano real pode dar indicações favoráveis para investir no país, como por exemplo o controle da inflação, aumento dos salários reais e aumento de consumo de duráveis, ele também combinou no contexto macroeconômico sinais desfavoráveis. Entre eles o déficit comercial que em 1997 foi de 4,5% do PIB e as altas taxas de juros praticadas no país. Outra importante característica marcante da indústria brasileira nos anos 90 é o aumento da produtividade associado à reestruturação com redução de emprego, que em 1996 representava 2/3 do que se registrava em 1980. Portanto, se a reestruturação da indústria permitiu a sobrevivência de parte do parque industrial produtivo, defasado devido aos anos de estagnação, ela também foi responsável pelo desaparecimento de camadas inteiras na estrutura produtiva.

#### *Posições diferenciadas sobre o IDE*

O investimento estrangeiro direto é comumente associado a diversos efeitos positivos. Estes efeitos são tanto financeiros quanto produtivos. Existem no entanto diferenças importantes.

Para os que defendem a abertura e a estabilização, o investimento estrangeiro contribui de várias formas para o crescimento econômico dos países que o recebem. Ocorre um aumento significativo da produtividade da mão-de-obra, possibilita escalas de produção próximas às internacionais, bem como aumenta a concorrência e a difusão de tecnologia no mercado interno.

Segundo esta interpretação a expansão do investimento direto estrangeiro e do comércio internacional são os motores da globalização. Além de facilitarem a divisão internacional do trabalho, são a forma mais eficiente da divisão do conhecimento tecnológico, de capital, de criação de riqueza e podem incorporar a capacidade produtiva potencial dos países no processo de desenvolvimento econômico. O investimento direto estrangeiro possibilita que as filiais brasileiras aumentem relativamente sua importância dentro do grupo, através da incorporação na cadeia produtiva de sofisticado conteúdo tecnológico.

Algumas empresas iniciaram suas adaptações a essa nova realidade de investimentos e mudanças contínuas e diante do quadro de forte concorrência com as empresas estrangeiras. Essas adaptações exigem das empresas esforços para a adoção de estratégias diferenciadas para que estas consigam manter-se no cenário industrial. As

tentativas de adaptação são orientadas no sentido de incorporar tecnologia sofisticada ao processo produtivo e de expandir suas capacidades produtivas através da implantação de novas unidades de produção.

As empresas de médio e grande porte nacionais também fazem parte desta categoria de empresas. Mas o destaque é para as empresas multinacionais que buscam confirmar sua presença no país através da ampliação das fábricas. Na maior parte dos casos as empresas estrangeiras obedecem as estratégias traçadas por suas matrizes, e isso tem confirmado o destino da produção para o mercado interno e para o Mercosul, sem a presença do esforço exportador. A consequência neste caso é o impacto na balança de pagamentos, mesmo que diferido.

As multinacionais usufruem de algumas vantagens em investir na expansão de suas atividades produtivas. Primeiro, porque estão envolvidas em diversas formas de intercâmbio, ou seja, pelo fato de serem grandes empresas elas exportam de sua própria economia, dentro do setor ou no comércio intersetorial. Segundo, o forte comércio intragrupo e as filiais ou estas com a matriz resultam em forte integração industrial do grupo ( Chesnais,1996 ).

Enquanto as empresas estrangeiras desfrutam de maior autonomia, as empresas brasileiras defasadas tecnologicamente são praticamente obrigadas em termos microeconômicos a reestruturar-se para sobreviverem no mercado. As reestruturações no âmbito da empresa dizem respeito à modernização, que abrange métodos de administração e gerenciamento, e troca de equipamentos obsoletos por gerações atualizadas.

É de se esperar que a modernização aumente a “produtividade marginal” . Isso porque os investimentos em modernização destinam-se a elevar a eficiência das instalações físicas existentes na empresa, normalmente com tecnologia defasada.

Dessa forma, pequenos investimentos em valor aumentam a eficiência das instalações completas. O aumento da produtividade ocorre por dois mecanismos distintos porém interligados: através da redução de custos/aumento da produtividade e redução de custos fixos pela elevação na capacidade de produção. Vale ressaltar no entanto, que o considerável aumento da produtividade e da capacidade produtiva não reverteu a ampliação dos saldos comerciais negativos. Isso porque a abertura e a evolução da taxa de câmbio levaram as empresas a se reestruturarem nas suas funções de produção e na

composição de suas compras. As empresas desverticalizaram-se, especializaram-se e direcionaram parte de sua compras para o exterior ( Bielchowsky, 1998)

Outra importante característica da economia brasileira pós-estabilização é o aumento de investimento direto estrangeiro ( IDE ) e do número de aquisições. Entre 1990 e 1993 o investimento direto estrangeiro esteve associado a um processo de racionalização e modernização da estrutura produtiva. Isso ocorreu diante da necessidade de reduzir custos e aumentar a competitividade, na maioria das vezes elevando o número de produtos importados decorrentes da substituição de fornecedores locais por externos.

De 1994 em diante, os investimentos direto estrangeiros além de financiar o déficit em transações correntes, representam a criação e/ou expansão da capacidade produtiva para atender a um mercado interno em expansão, e se concentram nos bens de consumo duráveis. O aumento das importações de equipamentos, insumos e componentes se deve à busca de eficiência das empresas industriais, estando os investimentos diretos estrangeiros provocando impactos negativos na balança comercial por induzirem a um aumento das importações.

Além disso, a observação na pauta das importações sugere que seu crescimento se deve a um maior comércio intrafirma ( matriz e filial ) ou mesmo entre as filiais das empresas aqui instaladas e os fornecedores mundiais da corporação.

### **3. Objetivo**

O objetivo do projeto consiste em estudar a inserção econômica brasileira que as grandes empresas estrangeiras, com atuação globalizada, estão produzindo por intermédio dos seus novos investimentos. Diferentemente do que ocorria no passado, estes investimentos representam agora uma forma de articulação – mais avançada – da filial às atividades globais da empresa, uma forma renovada da divisão internacional do trabalho industrial.

Para investigar este tema e esmiuçar a hipótese principal, o trabalho examinará os investimentos de uma subamostra de empresas estrangeiras, constantes de uma amostra maior que está sendo examinada coletivamente pelos pesquisadores e bolsistas do

GEEIN. Estas empresas serão investigadas a partir de um duplo critério: as suas formas características de expansão internacional e o papel atribuído à filial brasileira, que às vezes tem o papel de filial latinoamericana. Ele resume-se ao mercado local/regional, ou integra-se aos fluxos globais da matriz e demais filiais? Neste caso, a integração ocorre apenas pelo lado das importações, ou avança também para as vendas externas? Estas questões, que têm preocupado os economistas e formuladores de política econômica, podem ser adequadamente investigadas a partir de uma amostra reduzida de empresas, analisadas de forma minuciosa.

A aquisição de empresas nacionais por empresas estrangeiras com atuação globalizada produziu, certamente, efeitos relevantes na estrutura dos setores. Estes efeitos traduziram-se – ou não – num papel novo e mais desenvolvido da nova unidade (filial brasileira adquirida) no conjunto das unidades da empresa global? A pesquisa vai procurar mostrar até que ponto esta nova filial assumiu papéis mais integrados e maiores responsabilidades ou simplesmente conquistaram uma eficiência microeconômica superior.

#### **4. Procedimentos Metodológicos**

Para cumprir os objetivos propostos pelo presente projeto de iniciação científica, será feito um levantamento sistemático das transformações que caracterizaram a economia brasileira a partir da abertura comercial, procurando separá-las em estruturais e profundas (Castro, 1999), de um lado, e marginais (Bielchowsky, 1998), de outro lado. Para a maior parte dos autores, as primeiras envolvem necessariamente projetos de investimento, enquanto as segundas correspondem simplesmente a mudanças pontuais nas linhas de produtos e nos processos produtivos.

Neste trabalho, entende-se que uma fração relevante das modificações não associadas a investimentos em ampliação de capacidade são, apesar disso, capazes de contribuir para transformar de forma profunda as estruturas de produção e o modo de funcionamento dos mercados. A integração de firmas e empresas nacionais autônomas no quadro mais amplo das relações entre matriz e filiais é capaz de aumentar a eficiência produtiva e microeconômica, ao mesmo tempo em que reduz alguns dos efeitos indiretos sobre o tecido econômico (Mattos, 1999). Este trabalho de iniciação científica insere-se no

âmbito da pesquisa levada a cabo pelo GEEIN e dá continuidade a desenvolvimentos que vêm sendo realizados, sobretudo pelo trabalho de B.Mattos (2000), atualizando algumas de suas questões.

A estabilização com valorização cambial e elevação das taxas de juros representou uma pressão sobre todas as empresas, parcialmente aliviada pela expansão momentânea do mercado. Foram as empresas estrangeiras as que puderam sobrepor este aspecto positivo aos dois outros. Desde 1999, no entanto, com a desvalorização cambial, têm surgido algumas evidências pontuais de que as empresas estão podendo compensar o período de dificuldades. As importações deixam de pressionar de forma tão significativa e as exportações podem, pelo outro lado, reconquistar um outro dinamismo. Isto ocorreria de forma muito diferenciada, seja setorialmente, seja segundo os vínculos externos, tênues para as empresas nacionais, mais sólidos para as estrangeiras. É precisamente esta diferenciação que o trabalho procurará investigar.

A análise partirá da identificação de uma amostra de 25 empresas pertencentes à lista das 100 maiores empresas industriais com atuação globalizada. Esta amostra é complementar à do projeto de IC protocolado sob o número 00/05073-6. A partir do exame minucioso das empresas desta amostra, o trabalho procurará identificar principalmente as seguintes situações, anteriormente caracterizadas:

- 1) O sentido predominante dos investimentos diretos estrangeiros, se voltados exclusivamente para o mercado interno ou apenas enquanto o parâmetro cambial assim o determinava.
  - a) No primeiro caso, os fluxos de investimento direto estrangeiro além de financiarem o déficit em transações correntes na década de 90, passaram a representar a criação e a expansão da capacidade produtiva com vistas a atender um mercado interno em expansão, inclusive com a entrada de novas empresas com atuação no cenário mundial e que até então estavam ausentes do cenário brasileiro. Para isso, serão feitas análises das exportações das empresas da amostra (ou dos setores correspondentes) de modo a compreender o real significado do crescimento do mercado doméstico e seu potencial de expansão.
  - b) No segundo caso, as empresas terão dado sinais, mesmo que inicialmente tímidos, de retomada ou início de exportações. A hipótese é que em parte

isso venha ocorrendo devido aos controles das importações feitos pelo governo, acompanhados de estímulo para exportar. O aumento das exportações pode estar sendo gerado pelo aumento da concorrência, juntamente com os novos investimentos que modificaram a estrutura da economia brasileira. Esse resultado é fortalecido pela maior presença de empresas transnacionais, que respondem por aproximadamente dois terços dos fluxos internacionais do comércio. A disponibilidade para exportar viria dos investimentos dessas empresas no Brasil, que derivam de suas localizações em outros países. Dessa forma, o país tem uma alternativa de evitar os déficits crescentes e/ou permanentes na balança comercial.

- 2) A vinculação importadora de bom número de empresas estrangeiras tornou-se estrutural e irreversível ou ocorreu apenas durante o período de valorização cambial e numa fase subsequente de ajuste à nova realidade cambial?
  - a) No primeiro caso, as importações das empresas da amostra (ou dos setores correspondentes) persistirão a despeito da nova realidade cambial iniciada em 1999.
  - b) No segundo caso, as empresas estando adaptadas ao novo cenário poderão ampliar suas parcelas de mercado, principalmente nos setores intensivos em tecnologia e capital, de forma a melhorar sua integração junto ao comércio internacional.

Para investigar estas duas hipóteses, o trabalho levará adiante os desenvolvimentos que vêm sendo feitos pelo trabalho coletivo do GEEIN e sobretudo pelos bolsistas B.Lanzi de Mattos (1999 e 2000) e C.Baltar (2000). No primeiro destes dois projetos de pesquisa de IC, a reestruturação é investigada na dimensão da contradição entre “eficiência microeconômica” e “capacitação sistêmica”, enquanto no segundo são confrontados os resultados da balança comercial com os diagnósticos otimistas e críticos da estabilização.

O trabalho procurará reunir evidências referentes à nova fase cambial, após a desvalorização de 1999. Quase todos os analistas foram surpreendidos pela lentidão e timidez da resposta comercial à nova realidade cambial, mas é necessário levar em conta que – como indicaram Barros e Goldenstein (1997) para o período da estabilização – os ajustes levam tempo para produzirem efeitos.

Esta reunião de evidências será baseada nas informações oficiais de comércio exterior e nas notícias divulgadas pela imprensa especializada e pelas entidades patronais setoriais. Em todos os casos, o trabalho buscará apresentar padrões de vinculação setoriais e por tipo de empresa (nacional ou estrangeira).

Para cada uma das empresas da amostra, o trabalho reunirá o seguinte conjunto de informações:

- a) Distribuição espacial das atividades produtivas e das vendas das empresas, procurando caracterizar a posição das regiões e dos países – Relatório Anual da matriz (disponível na rede e, em versão papel, no acervo do GEEIN);
- b) Coleta de elementos para a caracterização das estratégias globais das empresas da amostra – Publicações da imprensa especializada internacional (Financial Times, Business Week, Fortune);
- c) Caracterização das estratégias locais das empresas da amostra. Esta tarefa procurará identificar o papel da filial brasileira no contexto regional e do Mercosul – Publicações da imprensa especializada (Gazeta Mercantil, Exame, Valor Econômico, Relatório Reservado, Conjuntura Econômica)
- d) Identificação das operações de fusão e aquisição e das operações de reestruturação subsequentes. Este ponto será desenvolvido a partir do trabalho de Cano 1997, do NEIT/UNICAMP, e de Bruno Lanzi de Mattos, do GEEIN (Iniciação Científica 99/04466-5), que registraram as operações para o período entre 1994 e 1997.

O trabalho buscará caracterizar, a partir das empresas da amostra, a nova dinâmica setorial, verificando se as estratégias das grandes empresas de capital estrangeiro e atuação globalizada serviu (ou não) para a constituição de um patamar mais elevado de eficiência produtiva e, ao mesmo tempo, de competitividade externa ou convergência para os padrões mais avançados de produção e competição.



## 6. Bibliografia

- Baltar, C.T., I Relatório à Fapesp- *Os fluxos comerciais brasileiros no período recente: Uma análise desagregada das modificações nas importações e exportações a partir de dois diagnósticos sobre os efeitos da globalização*, 2000.
- Barros, J.R.M. de e Goldeinstein, L. *Reestruturação industrial: três anos de debate*. In Velloso, J.P.R., Brasil: desafios de um país em transformação, ed. José Olympio, RJ. 1997.
- Baumann, R., *Uma avaliação das exportações intrafirma do Brasil: 1.980 e 1.990*, in *Pesquisa e Planejamento Econômico*, volume 23 - dezembro/ 1.993 - número 3, IPEA
- Bielchowsky, R. *Investimento na Indústria brasileira depois da abertura e do Real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-97*, CEPAL/Brasília, 1998, mineo, 72 páginas.
- Cano, M. , *Reestruturação da indústria brasileira: o recente processo de fusões, aquisições e joint-ventures*, Trabalho de Conclusão de Curso, Unicamp, Campinas, 1997.
- Castro, A. *Indústria: o crescimento fácil e a inflexão possível*, trabalho apresentado ao XI Fórum Nacional, RJ, 1999 (mimeo).
- Castro, AB. e Pires de Souza, F.E., *A economia brasileira em marcha forçada*, RJ, Paz e Terra, 1997
- Chesnais, F., *A mundialização do Capital*, São Paulo, Xamã, 1996
- Coutinho, L. *A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização*. In Velloso, J.P.R., Brasil: desafios de um país em transformação, ed. José Olympio, RJ. 1997
- Gilles I, G., *Different conceptual frameworks for the assessment of the degree of internalization: an empirical analysis of various indices for the top 100 transnational corporations*, 1998
- Laplane, M.F. e Sarti, F. *Investimento Direto Estrangeiro e a retomada do crescimento sustentado nos anos 90*. Economia e Sociedade nº 8. Campinas, IE-Unicamp, 1997
- Mattos, B.L., *A reestruturação produtiva e patrimonial na década de 90 - Uma abordagem da contradição entre eficiência microeconômica e fragilização sistêmica com informações desagregadas de comércio exterior (SECEX) e do Cadastro do Departamento de Indústria (IBGE)\**, projeto de IC - 1999
- Mattos, B.L., *A reestruturação produtiva e patrimonial na década de 90 - Uma abordagem da contradição entre eficiência microeconômica e fragilização sistêmica com informações desagregadas de comércio exterior (SECEX) e do Cadastro do Departamento de Indústria (IBGE)\**, II relatório de IC - 2000
- Moreira, M.M., *Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior*, mimeo, BNDES, março de 1999.

---

\* Este projeto insere-se no âmbito do GEEIN - Grupo de Estudos de Economia Industrial - articulando-se aos projetos de Iniciação Científica de números 98/09775-3, 98/09736-8 e 98/09780-7 bem como ao Auxílio Pesquisa 1998/15115-6.

\* Este projeto insere-se no âmbito do GEEIN - Grupo de Estudos de Economia Industrial - articulando-se aos projetos de Iniciação Científica de números 98/09775-3, 98/09736-8 e 98/09780-7 bem como ao Auxílio Pesquisa 1998/15115-6.

Serra, J., *Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra in Desenvolvimento Capitalista no Brasil - Ensaio sobre a crise*, vol. 1, 2ª edição., p. 56-121, ed. Brasiliense, 1983.

